

**A REVISTA DO BRASIL DURANTE O ESTADO NOVO (ESTUDO DO PERFIL DOS PRINCIPAIS ARTICULISTAS).** Danilo Wenseslau Ferrari.  
Orientadora: Tania Regina de Luca – História (3.17) – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O presente trabalho faz parte de projeto maior, que tem como objetivo analisar a *Revista do Brasil* em sua terceira fase (1938-1943). Fundada em 1916, por Júlio de Mesquita, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, a publicação foi adquirida por Monteiro Lobato que a manteve até 1925, data da falência dos seus negócios editoriais. Nesta oportunidade, Assis Chateaubriand, em plena construção de sua rede de comunicações, adquire a chancela do periódico que passa a ser editado no Rio de Janeiro. Iniciou-se assim a breve segunda fase: setembro de 1926 a janeiro de 1927. Relançada pelos *Diários Associados* em julho de 1938, em pleno Estado Novo, a publicação circulou até 1943 sob a direção do historiador Otávio Tarquínio de Souza. A *Revista do Brasil* reapareceria em outras oportunidades: em 1944 e nas décadas de 1980 e 1990.

A exemplo da imprensa no período, a revista esteve sob vigilância do Departamento de Imprensa e Propaganda, sem que sua circulação, porém, fosse interrompida. Por conta da censura instaurada durante a chamada Era Vargas, predomina uma visão, urdida na historiografia do período, segundo a qual ideologia dominante teria se reproduzido por todos os canais de difusão. Entretanto, em torno do periódico, reuniu-se uma variada plêiade de escritores que, segundo tem-se verificado, mantiveram-se críticos ao projeto governamental.

A pesquisa tem como objetivo analisar sistematicamente o perfil dos principais responsáveis pelos artigos que açambarcavam a maior parte da estrutura da revista. O intuito é o de apreender as principais redes de sociabilidade que se entrecruzavam na redação do periódico. O estudo é fundamental para a compreensão das opiniões e visões de mundo que estes autores comungavam, bem como para a caracterização precisa do periódico. Para tanto, foram utilizados dicionários históricos e literários, enciclopédias, catálogos, e periódicos da grande imprensa a fim de reunir o maior número de informações possíveis a respeito dos articulistas. São privilegiados os dados que elucidam a geração de cada um e as principais instituições (jornais e revistas) em que trabalharam. Por este caminho, pretende-se diminuir as ambigüidades suscitadas pela diversidade do conjunto de autores.

A perspectiva adotada é a de que estes espaços de sociabilidade estão subordinados a interesses de grupos variados. Deve-se considerar que as revistas oferecem uma estrutura ao campo intelectual, onde *forças antagônicas* reúnem-se sob uma dupla lógica de adesão, pelas amizades, fidelidades e influências exercidas e de exclusão, pelas posições tomadas, debates e cisões (SIRINELLI, 1996, p. 249). No que tange às instituições (periódicos e editoras) em que estes articulistas trabalharam, vale assinalar que elas coexistiam em relativa tensão. Ou seja, travavam entre si um debate cuja finalidade era, na concepção de Pierre Bourdieu, a conquista do monopólio do modo de expressão legítimo. O detentor deste monopólio obtém, por esta via, não menos que o poder sobre a língua e os seus usuários (BOURDIEU, 1998, p. 45). É preciso atentar também para a complexidade das relações que alguns destes agentes mantiveram com a ideologia dominante.

Dentre os articulistas da *Revista do Brasil* haviam advogados, críticos literários, romancistas, poetas e ensaístas, a maioria em início de carreira, enquanto outros já eram intelectuais dos mais renomados, com destaque para Otávio Tarquínio de Souza, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freire entre outros. O conjunto de autores somava, a saber, sessenta e dois nomes. Vale destacar que estes intelectuais abraçavam posturas políticas diversas: católicos, conservadores, militantes do comunismo, admiradores do fascismo e democráticos. Dentro dos estreitos limites de que dispunham, os referidos intelectuais posicionaram-se de forma crítica em relação ao Estado Novo. Este é o caso do historiador Otávio Tarquínio de Souza, diretor da revista. Certa vez, questionado pela razão de ter se tornado historiador, respondeu:

Foi por ocasião da Revolução de 30. O movimento armado surgiu aos meus olhos como uma mudança total do mundo em que eu nascera e me formara. A impressão que tive era a de que o Brasil estava se acabando, e isso fez com que minha atenção se voltasse para a História. Busquei refúgio no passado, para esquecer-me das tropelias do presente. E assim, tornei-me historiador.<sup>1</sup>

Talvez a oposição ao regime de Vargas possa ser atestada por meio da análise não só da trajetória destes letrados, mas também dos periódicos em que colaboraram. Destacam-se os jornais, *Diário de Notícias* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *O Jornal* (RJ) e *O Diário* (MG); os periódicos culturais *Boletim de Ariel* (RJ), *Dom Casmurro* (RJ) e *Revista Acadêmica* (RJ). Não foram poucos os periódicos que enfrentaram problemas devido à censura radicalizada com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939. Os jornais de grande circulação analisados apoiaram o movimento que culminou com o fim da Primeira República em 1930. Entretanto, a partir de 1934, com a perpetuação do governo de Getúlio Vargas, vários jornais adotaram posturas mais críticas em relação ao mesmo.

Os periódicos culturais estudados existiram somente durante o período estudado. O *Boletim de Ariel* saiu de circulação em 1938, a *Revista Acadêmica* em 1945 e *Dom Casmurro* em 1946. Entre estas publicações, apesar de predominar a preocupação com assuntos estéticos, estabeleciam-se ações que se estendiam ao social e político. Os indícios levam a crer que estes periódicos posicionaram-se de forma crítica em relação ao governo de Vargas e ao Estado Novo. A partir de 1930, a censura já incomodava o funcionamento da imprensa. Em 1932, *O Jornal* - principal órgão dos *Diários Associados* - foi interdito pelo Estado, pois seus propugnadores manifestaram-se a favor da reconstitucionalização. Sua gráfica passou a imprimir a folha governista *A Nação*. O proprietário do jornal, Assis Chateaubriand, foi preso diversas vezes. *O Jornal* sofreria ainda com o rígido controle por parte da censura durante o Estado Novo.

As ações do DIP em relação a estes jornais iam desde a instalação de um censor em suas redações até a decretação de ordens de prisão para os seus proprietários, como ocorreu com Orlando Ribeiro Dantas, proprietário do *Diário de Notícias*. Ao longo de sua existência, este jornal impôs uma luta sem tréguas contra Getúlio Vargas e suas heranças políticas. Justamente nos momentos mais acalorados dos anos 1930 e 1940 que os intelectuais em questão colaboraram com estes periódicos. Cada um deles trabalhou em pelo menos uma das publicações arroladas. Juntas elas receberam a colaboração de 50% dos articulistas da *Revista do Brasil* cujas biografias se pode encontrar.

Entre as editoras, a Livraria José Olímpio também enfrentou dificuldades no período do Estado Novo. Mais de mil e duzentos livros publicados por esta empresa foram apreendidos e incinerados, visto que, com a censura, diversos escritores procuraram a literatura de ficção para expressar seu descontentamento político. A maior parte da produção da empresa era composta por estas obras. Entretanto, seu proprietário, José Olímpio, era admirador de Getúlio Vargas e sua editora publicava obras escritas pelo próprio ditador (HALLEWELL, 1985).

Estas relações de aparente dicotomia patenteiam-se também em muitos dos articulistas da *Revista do Brasil*. Se, por um lado, a trajetória de alguns destes letrados deixa claro o descontentamento com a situação do país, por outro, predomina uma aura de ambigüidades, pois muitos compunham as fileiras do funcionalismo público ou estiveram ligados de alguma forma com a produção e reprodução da ideologia dominante. Este foi o caso dos que colaboraram com o jornal governista *A Manhã*, ou que exerceram cargos públicos de relativa importância, como Carlos Drummond de Andrade, chefe do gabinete do Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945. Há também o caso de Almir de Andrade, figura importante no meio intelectual do período e que dirigiu a revista oficial *Cultura Política*. A ligação que alguns articulistas mantinha com estes meios estabelecia-se por meio de uma relação complexa.

---

<sup>1</sup> *O Estado de S. Paulo*. 23 de dezembro de 1959. O número da página e o título da reportagem que noticiava a morte do escritor encontravam-se ilegíveis.

De alguma forma, estes intelectuais passaram pelo dilema de cumprir funções públicas num regime autoritário e conservar, ao mesmo tempo, certa autonomia para o exercício livre de criação. Na tentativa de esclarecer este dilema, sem a pretensão de esgotá-lo, atentou-se para a complexidade das relações entre os articulistas da revista e os meios de produção da ideologia governamental, pois este campo comporta nuances variadas. Não há homogeneidade na difusão de ideologias. No caso da política oficial, existe uma hierarquia no trabalho de produção e reprodução de idéias. A liderança deste trabalho pertence aos teóricos desta ideologia. Em segundo lugar estariam os militantes e reprodutores. No entanto, eles não devem ser encarados como dóceis repetidores da ideologia dominante. Neste jogo, o grau do vínculo com a mesma é decisivo. A inexistência deste vínculo representa um perigo que não deve ser negligenciado: o de desviar a opinião pública de sua obediência (ANSART, 1974).

Os intelectuais, mesmo os funcionários públicos não trabalham como simples repetidores. Conclui-se, portanto, que o projeto cultural hegemônico do Estado Novo não deve ser reduzido a um discurso aceito por um receptor passivo. Apesar da intransigência do Estado, a ideologia dominante não se impôs de forma absoluta, encontrando diversidade como pode ter sido o caso da *Revista do Brasil*.

### Referências Bibliográficas

- ANSART, Pierre. *Les idéologies politiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- BORDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. O que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CAPELATO, M. H. *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
- GINZBURG, Carlo. Conversar com Orion. *Esboços*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. v. 14, p. 163-170. Florianópolis, 2005.
- HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: Edusp, 1985.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. SP: UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. Periodismo cultural: A trajetória da *Revista do Brasil*. IN: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada do Brasil*. São Paulo: Fapesp, 2005.
- OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, Â. C. *Estado Novo. Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. IN: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

**Bolsa:** CNPq / PIBIC